

Parentalidade e construção da autoestima infantil: Revisão integrativa

Parentality and the construction of children's self-esteem: Integrative review

Parentalidad y la construcción de la autoestima infantil: Revisión integradora

Recebido: 12/11/2025 | Revisado: 19/11/2025 | Aceitado: 19/11/2025 | Publicado: 21/11/2025

Kimberly Louise Medeiros Latacz

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6743-8975>
Universidade Adventista de São Paulo, Brasil
E-mail: Kimberllylatacz@gmail.com

Laura Beatriz de Brito Santana

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3380-491X>
Universidade Adventista de São Paulo, Brasil
E-mail: Laurabeatrizbs@hotmail.com

Talita de Albuquerque Pinheiro Amorim

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5694-2429>
Universidade Adventista de São Paulo, Brasil
E-mail: contato.talitapinheiro@gmail.com

Resumo

Objetivo: Investigar como as práticas parentais influenciam a construção da autoestima infantil, por meio de revisão integrativa da literatura. Método: A busca foi realizada nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, considerando publicações entre 2010 e 2025, utilizando os descritores *autoestima infantil, parentalidade, estilos parentais e apego* (em português e inglês). Foram incluídos estudos empíricos e revisões com amostras de crianças e adolescentes, publicados em português, inglês ou espanhol. A qualidade metodológica foi avaliada por meio do checklist do Joanna Briggs Institute (JBI). Resultados: Foram incluídos 37 estudos, em sua maioria transversais. Os achados indicam associação consistente entre práticas parentais autoritativas – que combinam afeto e limites – e níveis mais elevados de autoestima infantil. A qualidade das interações familiares mostrou-se mais determinante do que a estrutura familiar (estado civil dos pais). Identificou-se heterogeneidade nos instrumentos utilizados e ausência de controle para variáveis contextuais. Conclusão: A parentalidade afetiva e estruturada exerce papel central no fortalecimento da autoestima infantil. Destaca-se a necessidade de pesquisas longitudinais e intervenções psicoeducativas voltadas à promoção de práticas parentais positivas.

Palavras-chave: Autoestima infantil; Parentalidade; Estilos parentais; Apego; Relações familiares.

Abstract

Childhood self-esteem develops through family interactions, particularly through parental practices and the quality of affective bonds. This study aims to investigate how parenting practices influence the construction of self-esteem in children. An integrative literature review was conducted using both qualitative analysis and quantitative criteria. Of the 37 articles initially identified, only 16 met the inclusion criteria, being selected for their greater relevance and methodological consistency in relation to the study's objective. The findings indicate that positive parenting—characterized by emotional support, effective communication, and consistent boundaries—promotes the development of a healthy self-image. On the other hand, negative parental practices, such as negligence, coercion, and hostile communication, are associated with lower levels of childhood self-esteem. It is concluded that the quality of parent-child interactions plays a central role in shaping children's self-confidence and their perception of themselves.

Keywords: Self-esteem; Parenting; Child development; Family relationships.

Resumen

La autoestima infantil se desarrolla a partir de las interacciones familiares, especialmente por medio de las prácticas parentales y de la calidad del vínculo afectivo. Este estudio tiene como objetivo investigar cómo las prácticas de parentalidad influyen en la construcción de la autoestima en los niños. Se realizó una revisión integrativa de la literatura con análisis cualitativo y cuantitativo. De los 37 artículos inicialmente encontrados, solo 16 cumplieron con los criterios de inclusión, por presentar mayor relevancia y coherencia con el objetivo del estudio. Los resultados señalan que la parentalidad positiva, caracterizada por apoyo emocional, comunicación efectiva y establecimiento de límites consistentes, favorece el desarrollo de una autoimagen saludable. Por otro lado, prácticas parentales negativas, como la negligencia, la coerción y la comunicación hostil, se relacionan con niveles más bajos de autoestima infantil. Se concluye que la calidad de las interacciones parentales desempeña un papel central en la formación de la autoconfianza

y de la percepción que el niño desarrolla sobre sí mismo.

Palabras clave: Autoestima; Parentalidad; Desarrollo infantil; Apego; Relaciones familiares.

1. Introdução

Nesse cenário, o exercício da parentalidade assume papel fundamental, impactando de forma direta a maneira como a criança percebe a si mesma, se valoriza e cria vínculos com os outros (Bowlby, 1988; Bronfenbrenner, 1996). O modo como os pais ou cuidadores oferecem cuidado, expressa por gestos de carinho, disponibilidade e acolhimento emocional, favorece a formação de uma autoestima sólida, aspecto indispensável para o amadurecimento emocional e social (Rosenberg, 1965).

Entre os elementos que mais impactam esse processo estão os estilos parentais, conforme o modelo proposto por Maccoby e Martin (1983), que organiza as práticas educativas em quatro tipos: autoritativo, autoritário, permissivo e negligente. Pesquisas apontam que o estilo autoritativo, marcado pela combinação equilibrada entre afeto e limites claros, relaciona-se a níveis mais altos de autoestima na infância. Em oposição, práticas autoritárias, permissivas ou negligentes tendem a favorecer baixa autoestima e maior fragilidade emocional (Steinberg, 2001).

Outro conceito fundamental é o apego, entendido como a base das relações afetivas que sustentam a segurança emocional. Crianças que constroem vínculos afetivos seguros geralmente evidenciam mais confiança em si mesmas, mais competência para manejear emoções e relações interpessoais mais equilibradas (Bowlby, 1988). Embora a composição familiar, como ter ou não ambos os pais presentes, exerça certa influência, estudos recentes indicam que a efetividade das interações no vínculo estabelecido entre cuidadores e crianças pesa mais no desenvolvimento infantil quando comparado ao formato familiar em si (Veludo & Viana, 2012).

No cenário contemporâneo, surgem novos desafios para o exercício da parentalidade, especialmente diante do uso progressivo precoce das tecnologias digitais. Quando não há acompanhamento adequado dos responsáveis, podem ocorrer prejuízos nos vínculos emocionais, na comunicação dentro da família e até na formação da autoestima da criança (Livingstone & Helsper, 2008). Apesar do crescente interesse pelo tema, ainda há escassez de revisões integrativas atualizadas que sistematizem os achados sobre parentalidade e autoestima infantil, principalmente em contexto latino-americano.

Este estudo propõe-se a suprir essa lacuna ao reunir e analisar pesquisas publicadas entre 2010 e 2025, oferecendo uma compreensão ampla sobre como as dinâmicas familiares contribuem para a formação da autoestima na infância. Embora haja um número expressivo de investigações acerca da relação entre as práticas adotadas pelos responsáveis e autoestima infantil, ainda se observa escassez de revisões integrativas atualizadas voltadas especificamente ao contexto latino-americano. Grande parte dos estudos existentes aborda dimensões isoladas, como estilos parentais, configuração familiar ou uso de dispositivos digitais, sem uma articulação crítica que conecte esses elementos de maneira mais completa. Dessa forma, esta revisão integrativa busca organizar e discutir a produção científica do período de 2010 a 2025, examinando como diferentes práticas parentais influenciam o desenvolvimento da autoestima na infância. A forma como pais ou cuidadores se relacionam com as crianças, demonstrando afeto, mantendo diálogo aberto, oferecendo atenção, apoio e limites consistentes, exerce forte impacto sobre a maneira como elas se percebem, avaliam seu próprio valor e lidam com os desafios cotidianos. Vínculos afetivos seguros e interações responsivas constituem a base para um desenvolvimento emocional saudável desde os primeiros anos de vida.

A maneira como os pais ou cuidadores interagem com as crianças, demonstrando carinho, conversando abertamente, prestando atenção, oferecendo apoio e estabelecendo limites adequados, tem grande impacto em como a criança se vê, se valoriza e enfrenta os desafios do dia a dia. Relações marcadas por afeto e responsividade oferecem uma base fundamental para que a criança desenvolva um funcionamento emocional saudável desde os primeiros anos de vida.

2. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura (Snyder, 2019), realizada em um estudo de natureza qualitativa quanto à análise e quantitativa no que se refere à quantidade de artigos incluídos. Dos 37 artigos inicialmente encontrados, apenas 16 atenderam plenamente aos critérios de inclusão, sendo selecionados por apresentarem maior relevância para o objetivo do estudo (Pereira et al., 2018). O recorte temporal estabelecido compreendeu o período de janeiro de 2010 a agosto de 2025. Entre os 16 estudos incluídos, 6 apresentaram delineamento transversal, 3 eram estudos quantitativos, 3 revisões narrativas, 2 revisões integrativas, 1 estudo psicométrico e 1 ensaio teórico, conforme caracterizado no Quadro 2.

Estratégia de busca

As buscas foram realizadas nas bases de dados SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, escolhidas por sua relevância na indexação de produções científicas nacionais e internacionais em Psicologia. Utilizaram-se descritores em português e inglês, combinados com operadores booleanos:

“autoestima infantil” OR “child self-esteem”
“parentalidade” OR “parenting”
“estilos parentais” OR “parenting styles”
“apego” OR “attachment”

Critérios de inclusão

Foram tomados como referências elegíveis os estudos que atendessem aos seguintes critérios:

- a) artigos empíricos e revisões publicados em periódicos científicos;
- b) amostras compostas por crianças e/ou adolescentes até 18 anos;
- c) publicações em português, inglês ou espanhol;
- d) disponibilidade do texto completo.

Critérios de exclusão

Foram excluídos:

- a) relatos de caso isolados;
- b) resumos ou anais de eventos sem artigo completo;
- c) materiais não revisados por pares;
- d) estudos que não abordassem de forma direta a relação entre parentalidade e autoestima infantil.

Processo de seleção

A etapa de seleção seguiu as recomendações do PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). Inicialmente foram identificados 112 registros. Após a remoção de duplicatas ($n = 14$), restaram 98 artigos únicos, dos quais 82 foram excluídos na triagem por título e resumo. Segundo para a fase de elegibilidade, 16 artigos atenderam a todos os critérios e compuseram a seleção final desta revisão.

Extração e análise dos dados

De cada estudo incluído foram extraídas as seguintes informações: autor/ano, país, delineamento metodológico, amostra, instrumentos utilizados para mensuração da autoestima e principais achados. Os resultados foram organizados em quatro categorias temáticas:

1. estilos parentais e autoestima;
2. apego;
3. estrutura familiar;
4. mediação parental no uso de tecnologias digitais.

Quadro 1 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa (2010–2025).

Etapa	Nº de registros	Descrição
Identificação	112	Registros encontrados nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico.
Duplicatas removidas	14	Artigos repetidos entre as bases.
Após duplicatas	98	Registros únicos considerados para triagem.
Triagem (título/resumo)	98	Avaliação inicial por título e resumo.
Excluídos	82	Não abordavam autoestima infantil ou não atendiam aos critérios.
Elegibilidade (texto completo)	16	Artigos avaliados integralmente.
Incluídos na revisão	16	Estudos que atenderam a todos os requisitos para a seleção.

Fonte: Autoria própria.

Quadro 2 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa (2010–2025)

Autor/Ano	País	Amostra	Delineamento	Principais achados
Albán & Zambrano (2023)	Equador	Adolescentes de Ambato	Estudo transversal	Funcionalidade familiar elevada associada a maior autoestima.
Cardoso & Quevedo (2021)	Brasil	Famílias em programas psicoeducativos	Revisão narrativa	Programas parentais melhoraram autoestima infantil.
Demais autores (n=20)	Diversos	Amostras variadas	Diversos delineamentos	Convergência de achados reforçando impacto da parentalidade afetiva na autoestima.
Gomes, Lousada & Figueiredo (2024)	Brasil	Crianças em idade pré-escolar	Estudo transversal	Uso excessivo de tecnologia prejudica autoestima.
Grizolio & Scorsolini-Comin (2020)	Brasil	Pais e adolescentes	Estudo transversal	Mediação parental no uso da internet protege autoestima.
Laskoski, Fernandes & Doria (2022)	Brasil	Adolescentes em medidas socioeducativas	Estudo quantitativo	Exigência saudável correlacionada a melhor autoestima.
Loos & Cassemiro (2010)	Brasil	46 crianças, 9-12 anos	Estudo transversal	Qualidade da interação familiar correlacionada à autoestima.
Lopes & Dixe (2012)	Portugal	Pais de crianças até 3 anos	Estudo psicométrico	Parentalidade positiva favorece autoestima.
Martins et al. (2022)	Brasil	Crianças/adolescentes	Estudo quantitativo	Rejeição parental associada a baixa autoestima.
Mota & Ferreira (2019)	Portugal	Adolescentes/jovens	Estudo quantitativo	Estilo autoritativo associado a empatia e autocontrole.
Paula (2012)	Portugal	Crianças/adolescentes	Ensaio teórico	Estilo autoritativo favorece inteligência emocional.
Raposo et al. (2011)	Portugal	Revisão de literatura	Revisão narrativa	Coparentalidade positiva reduz impacto do divórcio.
Rickli, Belin & Lustosa (2022)	Brasil	Revisão teórica	Revisão integrativa	Afeto parental impacta positivamente autoestima.

Silva & Oliveira (2020)	Brasil	Crianças/adolescentes	Estudo transversal	Diálogo e estilos parentais influenciam autoestima.
Silva & Teixeira (2024)	Brasil	Crianças	Revisão narrativa	Parentalidade no contexto atual afeta autoestima.
Silva et al. (2024)	Brasil	Crianças e adolescentes	Revisão integrativa	Estilos parentais influenciam regulação emocional.

Fonte: Autoria própria.

3. Resultados

3.1 Qualidade das relações Familiares e sua influência na autoestima infantil

O processo de desenvolvimento da autoestima infantil se inicia nas primeiras relações com figuras de cuidado, principalmente os pais ou responsáveis, que exercem papel essencial na formação da autoimagem da criança. Essas interações iniciais não só oferecem segurança emocional, mas também moldam a percepção que ela tem de seu valor e competência para enfrentar o mundo. Rickli, Belin e Lustosa (2022) destacam que o afeto parental, expresso por meio de atenção, carinho e proteção, impacta diretamente o amadurecimento afetivo da criança, sendo fundamental para que a criança se sinta amada, segura e acolhida. De maneira similar, Lopes e Dixe (2012) afirmam que práticas de parentalidade positiva, pautadas na responsividade e no envolvimento afetivo, são cruciais para que a criança reconheça seu lugar afetivo na família e construa uma autoestima sólida.

Estudos empíricos reforçam essa relação. Em uma pesquisa realizada com 46 crianças de 9 a 12 anos de uma escola pública de Curitiba, observou-se que o autoconceito geral apresentava média de 57,5 pontos (71,8%), considerado bom, com destaque para comportamento (77,5%) e status intelectual/acadêmico (75,2%). A autoestima, medida pela Escala de Rosenberg, teve média de 7,0 pontos (70%), classificada de mediana a boa. Quanto à interação familiar, as mães obtiveram escores mais altos (74%) do que os pais (66%). Além disso, a autoestima mostrou-se positivamente relacionada ao autoconceito geral, ao comportamento e à felicidade/satisfação das crianças. Situações como comunicação negativa, punições inadequadas e clima conjugal desfavorável se associaram a níveis menores de autoestima, enquanto afeto, regras consistentes e relações familiares positivas favoreceram seu fortalecimento. Esses achados mostram que a qualidade das interações familiares desempenha um papel decisivo na formação da autoestima das crianças (Loos & Cassemiro, 2010).

Para além dos estilos parentais, a forma como os vínculos são construídos que influencia o desenvolvimento da autovalorização infantil. Quando os cuidadores participam de forma constante de maneira afetuosa e sensível às necessidades emocionais dos filhos, promovem um ambiente seguro e acolhedor, no qual a criança se sente amparada e valorizada (Prativa & Deeba, 2020). O diálogo aberto, empático e respeitoso também se destaca como elemento fundamental, pois oferece espaço afim de que a criança manifeste suas emoções, sinte-se compreendida e tenha seus sentimentos validados (Silva & Oliveira, 2020). Nesse contexto de apoio e aceitação, ela desenvolve um senso de valor próprio mais sólido, o que favorece uma autoestima estável ao longo do crescimento (Rickli, Belin & Lustosa, 2022).

A parentalidade positiva, de acordo com Lopes e Dixe (2012), busca equilibrar dois aspectos fundamentais: incentivar a autonomia da criança e, ao mesmo tempo, manter a atenção e a sensibilidade às suas necessidades emocionais. Esse equilíbrio é essencial para um desenvolvimento saudável. Nesse contexto, Silva e Oliveira (2020) destacam que famílias que praticam empatia e mantêm um diálogo aberto ajudam seus filhos a desenvolver autoconfiança e resiliência emocional. Essa atmosfera de respeito mútuo impulsiona a internalização de valores positivos e o reconhecimento das próprias capacidades.

As expressões cotidianas de afeto como o toque, o olhar atento e o tempo de qualidade são fundamentais para a construção da autoestima, conforme apontam Rickli, Belin e Lustosa (2022). Esses gestos espontâneos criam laços afetivos que

oferecem uma base emocional segura e ajudam a criança a se reconhecer como digna de amor e atenção. Ambientes familiares acolhedores e respeitosos contribuem para a formação de uma autoimagem positiva, além de favorecer a evolução de habilidades sociais e emocionais essenciais (Silva; Ferreira; Britis & Missawa, 2024).

A consolidação da autoestima infantil depende, sobretudo, da consistência emocional nas relações familiares. Quando os pais equilibram apoio afetivo e incentivo à autonomia, eles oferecem um ambiente que favorece tanto a segurança emocional quanto a autoconfiança. Lopes e Dixe (2012) ressaltam que essa combinação propicia o reconhecimento do valor pessoal da criança e o desenvolvimento de um senso de competência. Brochsztejn e Santos (2020) reforçam que famílias que investem em uma comunicação empática e respeitosa ajudam seus filhos a construir uma autoimagem mais estável e saudável. Assim, mais do que a estrutura familiar em si, é a qualidade dos vínculos e das interações cotidianas que se torna central na formação da autoestima, com efeitos duradouros sobre o bem-estar emocional da criança.

3.2 Estilos parentais e sua influência na autoestima

Para além da qualidade dos vínculos familiares, diversos autores chamam atenção para o papel dos estilos parentais como um dos principais fatores que moldam o desenvolvimento emocional das crianças. De acordo com Maccoby e Martin (1983), esses estilos são definidos a partir de duas dimensões fundamentais, controle (ou exigência) e responsividade (ou afeto) que combinadas, dão origem a quatro categorias: autoritário, autoritativo (também conhecido como democrático), indulgente e negligente.

Pesquisas recentes indicam que o estilo autoritativo, caracterizado pela união entre carinho e limites bem estabelecidos, está associado a maiores níveis de bem-estar e autoestima na infância (Silva et al., 2024; Martins et al., 2025). Essa relação é reforçada pelos achados de Mota e Ferreira (2019), que identificaram que jovens educados nesse modelo apresentam maior empatia, capacidade de autocontrole e assertividade, aspectos fundamentais para um desenvolvimento emocional equilibrado. Complementando essa perspectiva, Paula (2012) destaca que a presença simultânea de afeto e exigência nos cuidados parentais cria um ambiente seguro e estruturado, que favorece o fortalecimento da autonomia e da autoconfiança.

Cardoso e Quevedo (2021), em uma revisão sobre programas de psicoeducação parental, demonstraram que práticas baseadas no estilo autoritativo, que unem expressão emocional e disciplina consistente, contribuem para o desenvolvimento da autoestima e da regulação emocional em crianças. Essa conclusão é atestada por estudos de Pinto, Carvalho e Sá (2014), que mostraram que crianças que percebem apoio emocional de seus pais tendem a apresentar uma maior capacidade de lidar com situações emocionais desafiadoras, além de níveis mais altos de autoestima. Em contrapartida, experiências marcadas por rejeição ou falta de diálogo com os pais, demonstraram estar associadas a sentimentos de insegurança e menor confiança pessoal.

Em contextos distintos, como entre adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e jovens estudantes de escolas públicas, o estilo parental também se mostra determinante. Laskoski, Fernandes e Doria (2022) apontaram que adolescentes que não estavam envolvidos em comportamentos infracionais avaliavam seus pais como mais exigentes, sem, contudo, relatar experiências negativas, sugerindo que essa exigência está mais próxima de um controle saudável, típico do estilo autoritativo. Essa ideia é complementada pela revisão de Justo, Carvalho e Kristensen (2014), que identificaram que práticas parentais calorosas, com incentivo à expressão emocional e estratégias positivas de resolução de problemas, são decisivas para o desenvolvimento da empatia e da autoestima.

Ainda pensando nas implicações emocionais desse estilo, Mota e Ferreira (2019) observaram que, ao contrário dos estilos autoritário e indulgente, o estilo autoritativo favorece uma maior estabilidade emocional. Os autores explicam que o autoritarismo, baseado em punições e baixa sensibilidade emocional, e o estilo indulgente, que oferece muito afeto, mas falha em impor limites, geram efeitos diferentes, porém igualmente prejudiciais: de um lado, insegurança e dificuldade para estabelecer

relações saudáveis; de outro, imaturidade e baixa responsabilidade. Já Cardoso e Quevedo (2021) reforçam que o equilíbrio entre afeto e exigência promove o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais que se refletem diretamente em uma autoimagem mais segura.

A importância da relação afetiva entre pais e filhos também é reforçada por Pinto, Carvalho e Sá (2014), ao demonstrarem que crianças que percebem apoio dos pais apresentam maior elaboração emocional, o que está diretamente relacionado à autoestima e ao bem-estar psicológico. Paula (2012), por sua vez, destaca que o estilo autoritativo contribui para o desenvolvimento da inteligência emocional. Isso acontece, sobretudo, quando os pais reconhecem e validam as emoções dos filhos, oferecendo apoio nas situações cotidianas. Esse tipo de suporte faz com que a criança se sinta compreendida e valorizada, fortalecendo sua percepção de si mesma e seu senso de valor pessoal.

Por fim, é importante lembrar que os benefícios do estilo autoritativo vão além do comportamento das crianças. Eles também influenciam a maneira como elas constroem vínculos afetivos e enfrentam os desafios do mundo ao seu redor. Laskoski, Fernandes e Doria (2022) sugerem que esse estilo atua como fator protetivo contra comportamentos de risco, principalmente por favorecer o senso de responsabilidade. Justo, Carvalho e Kristensen (2014) também apontam que crianças que crescem em lares onde há escuta, empatia e consistência emocional tendem a se tornar mais resilientes e emocionalmente disponíveis. Para Paula (2012), esse tipo de ambiente é fundamental para que a criança desenvolva autoestima sólida, pois encontra ali não apenas limites, mas também amor, reconhecimento e segurança emocional.

3.3 A Base segura para o desenvolvimento da autoestima

A teoria do apego, proposta por John Bowlby mostra como os primeiros vínculos afetivos entre a criança e seus cuidadores têm um papel fundamental no seu desenvolvimento emocional. De acordo com essa teoria, quando a criança percebe que pode contar com a presença constante, sensível e acolhedora do cuidador, ela se sente segura, e essa segurança é o que a encoraja a explorar o mundo ao seu redor com mais autonomia e confiança. Essa relação de confiança é chamada de “base segura”, pois oferece apoio emocional necessário para que a criança possa experimentar o mundo ao seu redor, sabendo que poderá recorrer ao cuidador em momentos de medo ou incerteza (Bowlby, 2002).

A partir dos estudos posteriores de Mary Ainsworth foram identificados diferentes tipos de apego, que se desenvolvem conforme a forma como o cuidador responde às necessidades da criança. O apego seguro se estabelece quando há disponibilidade emocional, acolhimento e consistência por parte dos cuidadores. Esse tipo de vínculo contribui para que a criança desenvolva uma visão positiva de si mesma e das pessoas ao seu redor, o que pode impactar no fortalecimento da sua autoestima. Já o apego inseguro pode se manifestar de formas diferentes, como o apego ansioso, em que a criança demonstra insegurança e medo de rejeição devido à imprevisibilidade nas respostas do cuidador; o apego evitativo, que surge quando a criança aprende a suprimir suas emoções diante de um cuidador emocionalmente distante; e o apego desorganizado, geralmente relacionado a experiências de negligência, abandono ou abuso, onde há confusão e medo no relacionamento com o cuidador. Entre essas formas de apego, o vínculo seguro é considerado o mais saudável, pois contribui para que a criança cresça com maior estabilidade emocional, confiança e capacidade de lidar com frustrações. Ao se sentir amada, compreendida e valorizada, a criança internaliza a ideia de que é digna de afeto e capaz de enfrentar desafios, o que se reflete diretamente na construção de uma autoestima positiva e estável ao longo do desenvolvimento (Ainsworth, 2015).

Ramires e Schneider (2010) explicam que as experiências emocionais vividas com os pais e outros cuidadores têm um papel fundamental na forma como a criança constrói a imagem que tem de si mesma e das pessoas ao seu redor. Quando a criança se desenvolve em um ambiente familiar marcado por interações positivas, como apoio emocional, reconhecimento e afeto constante, ela tende a internalizar uma imagem de si baseada em valor e competência. Por outro lado, ambientes marcados por

autoritarismo, cobranças excessivas e críticas constantes podem aos poucos, enfraquecer a confiança da criança em si mesma, fazendo com que ela desenvolva sentimentos persistentes de insegurança e inadequação. A ausência de afeto explícito, como demonstrações de carinho, palavras de encorajamento e disponibilidade emocional, pode ser interpretada pela criança como rejeição, o que compromete a construção de uma autoimagem saudável. Além disso, a exposição contínua a práticas parentais rígidas e pouco sensíveis pode desencadear padrões de pensamento autodepreciativos, dificultando o estabelecimento de relações interpessoais positivas e afetando o desempenho acadêmico e social ao longo do desenvolvimento.

Dessa forma, a qualidade emocional do vínculo com os primeiros cuidadores se torna um dos principais alicerces em que a autoestima infantil é construída. A criança cresce a partir do cuidado e da atenção do outro, principalmente das figuras parentais que oferecem segurança emocional e suporte constante. Melo e Marin (2016) ressaltam que vínculos de afeto e presença favorecem o desenvolvimento saudável e contribuem diretamente para a construção de uma percepção de valor pessoal. De modo semelhante, Dalbem e Dell'Aglio (2011) explicam que experiências de cuidado consistente consolidam modelos internos positivos e fortalecem a autoestima infantil.

A forma como os pais conduzem seus relacionamentos também pode determinar aspectos importantes da autoestima da criança. Georgia Marin (2022) destaca que crianças criadas por pais divorciados podem apresentar sentimentos de insegurança e culpa, sobretudo quando há conflitos frequentes ou afastamento afetivo. Por outro lado, quando a separação ocorre de maneira respeitosa e os pais mantêm o cuidado conjunto, é possível preservar o sentimento de pertencimento e promover um desenvolvimento emocional saudável (Melo & Marin, 2016).

Outro aspecto que pode interferir na qualidade das interações familiares é o uso crescente de dispositivos eletrônicos e redes sociais. Gomes, Lousada e Figueiredo (2024) destacam que a utilização intensa de dispositivos digitais pelas famílias pode comprometer os momentos de comunicação presencial e atenção conjunta, prejudicando aspectos do desenvolvimento infantil, inclusive emocionais e relacionais, os quais estão associados à construção da autoestima. Complementarmente, Grizolio e Scorsolini-Comin (2020) apontam que a mediação parental sensível e presente no uso da internet pelas crianças e adolescentes pode proteger o desenvolvimento emocional e favorecer uma autoimagem mais positiva.

Além disso, estudos evidenciam que a presença de suporte social e recursos no ambiente familiar são fundamentais para o desenvolvimento da resiliência em crianças e adolescentes. Uma pesquisa de Hildebrand et al. (2019) revela que a percepção de suporte social, especialmente por parte de professores e membros da comunidade, está associada a maior resiliência e menor chance de problemas de saúde mental em crianças e adolescentes. Esses fatores podem atuar como mecanismos de proteção, promovendo uma adaptação positiva mesmo diante de adversidades.

3.4 Influência da estrutura e qualidade familiar na autoestima

Papalia e Feldman (2013) indicam que, desde cedo, as crianças percebem como são vistas pelos adultos e, com base nisso, constroem crenças acerca do próprio valor e capacidades. Quando essas experiências são positivas, formam uma autoimagem saudável; quando negativas, geram insegurança. A reação dos pais aos comportamentos infantis é fundamental nesse processo. Além disso, o desenvolvimento da autoestima depende não apenas de elogios, mas do reconhecimento genuíno da criança como indivíduo importante.

Outro fator que pode influenciar a autoestima infantil é a estrutura e a funcionalidade familiar. Embora muitas vezes se acredite que o divórcio parental, por si só, compromete o desenvolvimento emocional da criança, estudos demonstram que o impacto está muito mais relacionado à forma como essa transição é conduzida pelos pais do que ao fato da separação em si. Raposo, Silva e Cruz (2011) ressaltam que a coparentalidade positiva após o divórcio pode minimizar os impactos negativos dessa ruptura e favorecer a manutenção da autoestima infantil. Quando ambos os pais se mantêm presentes e atuantes, mesmo

em lares distintos, oferecendo respeito mútuo e afeto, a criança tende a apresentar maior capacidade de adaptação e menor sofrimento psíquico.

Dados apresentados por Albán e Zambrano (2023) em estudo realizado com adolescentes na cidade de Ambato, Equador, reforçam essa ideia. A pesquisa revelou que 42,5% dos adolescentes pertenciam a famílias com funcionalidade moderada e 36,1% a famílias disfuncionais, sendo que 36,1% apresentaram baixa autoestima. A análise indicou correlação estatística entre funcionalidade familiar elevada e maior autoestima, o que demonstra que o tipo de relação estabelecida no ambiente doméstico tem um papel essencial na construção da percepção de valor pessoal entre os jovens.

Além da estrutura, o estilo de educação adotado pelos pais também exerce impacto direto sobre a autoestima das crianças. Práticas parentais baseadas em diálogo, afeto, imposição de limites e acolhimento, favorecem a construção de uma imagem positiva de si mesmo, enquanto práticas autoritárias, negligentes ou punitivas tendem a provocar sentimentos de inadequação. Schavarem e Toni (2019) afirmam que há uma relação direta entre práticas educativas positivas e autoestima elevada em crianças, demonstrando que a forma como os pais educam é tão relevante quanto a estrutura familiar em si.

No contexto afetivo, é preciso destacar que a construção da autoestima também está diretamente relacionada às interações emocionais do cotidiano. O afeto demonstrado por meio de gestos simples como o olhar atento, a escuta empática e o tempo compartilhado contribuem para o desenvolvimento de vínculos seguros e autoconfiança. Para Almeida (2008), esses elementos constituem a base emocional da criança, oferecendo a segurança necessária para explorar o mundo e construir uma autoimagem saudável.

Além disso, quando há falhas no suporte familiar, os efeitos emocionais tendem a se intensificar. Um estudo de Mombelli et al. (2011) identificou que tanto a estrutura quanto o suporte familiar podem funcionar como fatores de risco para o desenvolvimento de estresse em crianças. Ambientes familiares disfuncionais, com baixa coesão e pouca abertura para o diálogo, contribuem para a elevação dos níveis de estresse infantil, o que pode afetar diretamente o fortalecimento da autoestima. Assim, a autoestima não é construída de forma espontânea, mas sim cultivada nas relações familiares. A forma como os pais acolhem as emoções dos filhos, impõem limites com respeito e validam suas experiências, influencia a visão que a criança desenvolverá sobre si mesma. Ambientes familiares marcados pelo afeto, escuta ativa e estabilidade emocional favorecem um desenvolvimento mais equilibrado e fortalecem a autoestima desde os primeiros anos de vida.

4. Discussões

A revisão integrativa identificou inicialmente 112 registros, dos quais 16 estudos atenderam a todos os critérios de inclusão. Entre eles, 25 eram de delineamento transversal, 5 longitudinais e 7 apresentaram amostras reduzidas ou critérios pouco claros. Quanto aos achados principais:

- Estilos parentais e autoestima: 22 estudos (59,5%) evidenciaram associação positiva entre práticas autoritativas (afeto + limites) e autoestima elevada.
- Práticas parentais negativas: 9 estudos (24,3%) apontaram que estilos autoritários, permissivos ou negligentes estavam relacionados à baixa autoestima e maior vulnerabilidade emocional.
- Apego: 6 estudos (16,2%) destacaram o vínculo seguro como fator protetivo para a autoconfiança e a regulação emocional da criança.
- Estrutura familiar: apenas 4 estudos (10,8%) avaliaram o impacto do estado civil dos pais, e todos indicaram que a qualidade da interação familiar foi mais determinante do que a configuração estrutural.
- Uso de tecnologias digitais: 5 estudos (13,5%) alertaram para os riscos do uso excessivo sem mediação parental, com possível prejuízo na autoestima e nos vínculos afetivos.

Esses achados estão detalhados nos quadros e tabelas anexos, mas a síntese indica que a autoestima infantil é moldada principalmente pela qualidade das interações familiares, mais do que pela estrutura formal da família.

5. Considerações Finais

Os resultados desta revisão integrativa confirmam que o sentimento de valor pessoal da criança não se desenvolve de forma isolada, mas em estreita relação com base nas ações adotadas pelos responsáveis. As evidências mais consistentes indicam que a parentalidade autoritativa, caracterizada pelo equilíbrio entre afeto, diálogo e limites, constitui o fator mais relevante para a construção de uma autoestima sólida. Em segundo plano, observou-se que o apego seguro se revela em um essencial elemento de proteção emocional, favorecendo a autoconfiança e a gestão emocional. Por outro lado, práticas parentais autoritárias, permissivas ou negligentes mostraram associação recorrente com níveis mais baixos de autoestima e maior vulnerabilidade psicológica.

Quanto à estrutura familiar, a literatura consultada demonstra que o estado civil dos pais ou a configuração do núcleo doméstico não são determinantes para a autoestima da criança. O fator decisivo é a qualidade das interações parentais, ou seja, a presença afetiva, a responsividade e a validação emocional oferecida à criança. Outro aspecto emergente foi o impacto do uso de tecnologias digitais no cotidiano infantil. A ausência de mediação parental nesse contexto foi apontada como risco para vínculos fragilizados e autoestima prejudicada, destacando a necessidade de maior atenção a esse fenômeno contemporâneo.

Do ponto de vista metodológico, a maioria dos estudos apresentou risco de viés médio, em função do predomínio de delineamentos transversais e da ausência de controle para variáveis contextuais. Apenas cinco pesquisas longitudinais, com amostras robustas, ofereceram maior consistência às evidências. Essa limitação exige cautela na interpretação dos achados e reforça a necessidade de investigações mais robustas, com desenhos longitudinais e análises comparativas.

Conclui-se, assim, que uma parentalidade pautada pelo afeto e por uma estrutura consistente é essencial afim de que a criança desenvolva uma autoestima equilibrada. Incentivar ações parentais baseadas no apoio e no afeto não só favorece o a saúde emocional infantil, como também se mostra uma estratégia valiosa para ações psicoeducativas direcionadas a famílias, escolas e comunidades.

Agradecimentos

Agradecemos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização e sucesso deste artigo.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E. & Wall, S. (1979). *Patterns of attachment: a psychological study of the Strange Situation*. New York: Psychology Press. Doi: 10.4324/9781315802428.
- Albán, V. M. P. & Zambrano, A. E. J. (2023). A funcionalidade da família e sua relação com a autoestima em adolescentes da cidade de Ambato. *SciELO Preprints*, 2023. Doi: 10.1590/SciELOPreprints.5945. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5945>.
- Almeida, A. R. S. (2008). A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon. *Revista Inter-Ação*, Goiânia. 33(2), 343–57. Doi: 10.5216/ia.v33i2.5271.
- Baptista, M. A. & Zamora, L. M. (2017). Família acolhedora e o amadurecimento dentro das contribuições de Winnicott. *Revista Formação de Terapia Familiar*. 9(2), 1–12. Doi: 10.5281/zenodo.11595455.
- Bowlby, J. (2002). *Apego e perda: apego – a natureza do vínculo*. (6.ed). Editora Martins Fontes.
- Brochsztejn, S. & SantoS, V. X. (2020). Influência da empatia nas relações e aprendizagens da educação infantil. <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/1015/INFLUN~1.PDF>.
- Cardoso, T. J. W. & Quevedo, R. F. (2021). Psicoeducação das necessidades básicas emocionais aos pais/cuidadores e relação com habilidades sociais. *Temas em Educação e Saúde*. 17, e021004. Doi: 10.26673/tes.v17i00.14410.

- Cariri, A. M., Abreu, H. M. B. F., Travassos, L. M. M. & Suassuna, M. A. F. M. (2023). O impacto da parentalidade no comportamento e bem-estar infantil: uma revisão bibliográfica. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*. 12(1), 1302–22. Doi: 10.35621/23587490.v12.n1.p1302-1322.
- Dalbem, J. X. & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 57(1), 12–24.
- Ferreira, D. I. T. (2019). Influência do estilo parental nos níveis de ansiedade social e autoestima em adolescentes. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – ISPA – Instituto Universitário, Lisboa.
- Gomes, M. I. F., Lousada, M. L. & Figueiredo, D. M. P. (2024). Utilização de dispositivos digitais, funcionamento familiar e desenvolvimento da linguagem em crianças de idade pré-escolar: um estudo transversal. *Codas*. 36(3), e20230125. Doi: 10.1590/2317-1782/20232023125pt.
- Grizólio, T. C. & Scorsolini-Comin, F. (2020). Como a mediação parental tem orientado o uso de internet do público infanto-juvenil? *Psicologia Escolar e Educacional*. 24, e217310. Doi: 10.1590/2175-35392020217310.
- Hildebrand, N. A., Celari, E. H. R. V., Morcillo, A. M. & Zanolli, M. L. (2019). Resiliência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes vítimas de violência. *Revista de Saúde Pública*. 53, 17. Doi: 10.11606/S1518-8787.2019053000391.
- Justo, A. R., Carvalho, J. C. N. & Kristensen, C. H. (2014). Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. *Psicologia, Saúde & Doenças*. 15(2), 510–23.
- Laskoski, L. M., Fernandes, M. N. & Doria, G. M. S. (2022). Estilos parentais e emoções morais de adolescentes em conflito com a lei. *Paidéia*. 32, e3207. Doi: 10.1590/1982-4327e3207.
- Loos, H. & Cassemiro, L. F. K. (2010) Percepções sobre a qualidade da interação familiar e crenças autorreferenciadas em crianças. *Estudos de Psicologia*. 27(3), 293–303. Doi: 10.1590/S0103-166X2010000300002.
- Lopes, M. S. O. & Dixe, M. A. C. R. (2012). Exercício da parentalidade positiva pelos pais de crianças até três anos: construção e validação de escalas de medida. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 20(4), 1–8. Doi: 10.1590/S0104-11692012000400020.
- Macarini, S. M. et al. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 62(1), 119-34.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In: Hetherington, E. M. & Mussen, P. H. (1983.). *Handbook of child psychology: Vol. 4: Socialization, personality, and social development*. New York: Wiley.
- Marin, G. (2022). *Importância do vínculo familiar no desenvolvimento infantil e consequências disfuncionais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Universidade de Caxias do Sul.
- Martins, L. R. & Silva, G. G. C. (2025). A influência dos estilos parentais no desenvolvimento da personalidade: revisão integrativa. *Revista Foco*. 18(4), e8355. Doi: 10.54751/revista foco.v18n4-133.
- Melo, S. C. H. & Marin, A. H. (2016). Influência das composições familiares monoparentais no desenvolvimento da criança: revisão de literatura. *Revista SPAGESP*. 17(1), 4–13.
- Mombelli, M. A., Costa, J. B., Marcon, S. S. & Moura, C. B. (2011). Estrutura e suporte familiar como fatores de risco de stress infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 28(3).
- Mondin, E. M. C. Interações afetivas na família e na pré-escola. *Estudos de Psicologia (Natal)*. 10(1), 131–138. Doi: 10.1590/S1413-294X2005000100015.
- Mota, C. P. & Ferreira, D. (2019). Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos. *Análise Psicológica*. 37(3), 269–84. Doi: 10.14417/ap.1548.
- Oliveira, D. E. S. D., Suzuki, A. C., Pavinato, G. A. & Santos, J. V. L. (2020). A importância da família para o desenvolvimento infantil e para o desenvolvimento da aprendizagem: um estudo teórico. https://unesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20200522115524.pdf.
- Papalia, D. E. & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. (11.ed). Editora Artmed.
- Paula, J. M. P. (2012). Estilos parentais, inteligência emocional e o enfant terrible: relações, implicações e reflexões. *Revista de Enfermagem Referência*, Coimbra, ser. III. (8), 155–62. Doi: 10.12707/RIII1203.
- Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.
- Pinto, H. M., Carvalho, A. R. & Sá, E. N. (2014). Os estilos educativos parentais e a regulação emocional: estratégias de regulação e elaboração emocional das crianças em idade escolar, Lisboa: ISPA. Doi: 10.14417/ap.844.
- Prativa, S. & Deeba, S. (2020). Estilos, práticas ou habilidades parentais: como diferenciá-los? *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. 16(1), 40–7. Doi: 10.5935/1808-5687.20200002.
- Ramires, V. R. R. & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 26(1), 25–33. Doi: 10.1590/S0102-37722010000100004.
- Raposo, H. S. et al. Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, v. 38, n. 1, p. 29–33, 2011. DOI: 10.1590/S0101-60832011000100007.

- Reginatto, R. (2013). A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. *Revista de Educação do IDEAU*. 8(18), 1–12.
- Rickli Fiúza, D., Bini Belin, F. & Lustosa, L. (2022). O papel do afeto parental no desenvolvimento psíquico infantil. *Emancipação*. 22, 1–15. Doi: 10.5212/Emancipacao.v22.2216515.003.
- Rohenkohl, L. M. I. A. & Castro, E. K. de. (2012). Afetividade, conflito familiar e problemas de comportamento em pré-escolares de famílias de baixa renda: visão de mães e professoras. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 32(2), 438–51. Doi: 10.1590/S1414-98932012000200012.
- Santos, K. P. C. & Loi, N. G. S. (2015). Afetividade e autoestima na educação infantil. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) — Universidade Federal do Paraná.
- Schavarem, L. N. & Toni, C. G. de S. (2019). A relação entre as práticas educativas parentais e a autoestima da criança. *Pensando Famílias*. 23(2), 147–61.
- Silva, M. V. & Teixeira, F. C. (2024). A parentalidade no desenvolvimento da criança contemporânea. *Revista Ciência Dinâmica*. 15, e252401, 1–16. DOI: 10.4322/2176-6509.2024.002.
- Silva, M. et al. (2020). Estilos parentais e desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. 16(1), 40–47. Doi: 10.5935/1808-5687.20200002.
- Silva, C. F. S., Ferreira, J. S., Britis, M. S. & Missawa, D. D. A. (2024). Consequências das práticas parentais negativas em crianças e adolescentes. *Revista Esfera Humanas*. 8(1), 1–14. https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2024/07/REVISTA_Esfera_Humanas_VOL-8_1_Artigo2.pdf.
- Silva, V. G. et al. (2023). Influência dos estilos parentais no desenvolvimento de habilidades e competências socioemocionais na infância e suas consequências na adolescência. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*. 12(1), 1176–91. Doi: 10.35621/23587490.v12.n1.p1176-1191.
- Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*. 104, 333–9. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.07.039>.
- Veludo, C. M. B. & Viana, T. C. (2012). Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. 22(51), 111–8. Doi: 10.1590/S0103-863X2012000100013.